
PLANTÃO INSTITUCIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NA UFPR¹

Miriam Pan²
Grazielle Aline Zonta
Alexander Tovar
Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil.

RESUMO. O presente trabalho relata a experiência de implantação de um modelo de atuação do psicólogo na Universidade Federal do Paraná - UFPR. O Plantão Institucional, desenvolvido na forma de um projeto de ensino, pesquisa e extensão, utiliza-se de Entrevistas de Acolhimento para acolher os estudantes que buscam apoio psicológico. Fundamentada em uma perspectiva histórico-cultural, tal prática institui espaços para a circulação da palavra entre os estudantes, sendo conduzida por estagiários de psicologia, sob supervisão. Apresentam-se a implantação do projeto e seu acompanhamento com estudantes acolhidos. Foram entrevistados 27 estudantes de graduação, objetivando-se compreender os sentidos atribuídos à prática proposta, e sua pertinência para a continuidade do projeto. Como resultados, evidenciam-se a significação positiva do acolhimento pelos pares, o reconhecimento do espaço do plantão como lugar institucional onde as questões são ouvidas e valorizadas. Destaca-se, por fim, o desafio à implantação de modelos de assistência estudantil alternativos ao modelo clínico individual.

Palavras-chave: Psicologia educacional; universidade pública; plantão psicológico.

INSTITUTIONAL EMERGENCY SERVICE: EXPERIENCE REPORT OF A PSYCHOLOGICAL INTERVENTION AT THE UFPR

ABSTRACT. This work describes the implementation and execution of a psychological practice model at the Federal University of Paraná – UFPR. The emergency psychological service was developed as an education, research and extension project conducted through interviews with students who seek for psychological support, performed by fellow trainees. From a historical and cultural perspective, this practice enables the sharing of experiences between students. Psychology apprentices under supervision conduct the project. Twenty-seven undergraduate students were interviewed so the senses attributed by them to the proposed psychological practice model were grasped, which allowed assessing the relevance of continuing with the projects. Results showed a positive sense attributed to peer counseling and the acknowledgement of an institutional emergency psychological care in which the students' issues are listened and given importance. Finally, results also highlight the challenges to the implementation of alternative student assistance services as opposed to the regular individual clinical model.

Keywords: Educational psychology; public university; emergency psychological service.

PLANTÓN INSTITUCIONAL: RELATO DE EXPERIENCIA DE UNA INTERVENCIÓN PSICOLÓGICA EN LA UFPR

¹ *Apoio e financiamento:* Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UFPR, Centro de Assessoria e Pesquisa em Psicologia e Educação-CEAPPE

² *E-mail:* miriamagspan@yahoo.com.br

RESUMEN. El presente estudio relata la experiencia de implementación de un modelo de actuación del psicólogo en la Universidad Federal de Paraná - UFPR. El Plantón Institucional, desarrollado en forma de un proyecto de enseñanza, investigación y extensión, utiliza la estrategia de Entrevistas de Acogimiento para acoger los estudiantes que buscan apoyo psicológico. Fundamentada en una perspectiva histórico-cultural, tal práctica instituye espacios para la circulación de la palabra entre los estudiantes, siendo conducida por monitores de psicología, bajo supervisión. Se presenta la implementación del proyecto y su acompañamiento junto a los estudiantes acogidos. Fueron entrevistados 27 estudiantes de pregrado, buscando comprender los sentidos atribuidos a la práctica propuesta, y su pertinencia para la continuidad del proyecto. Como resultados, se destaca la significación positiva del acogimiento por los pares, el reconocimiento del espacio del Plantón como lugar institucional donde las problemáticas son escuchadas y valoradas. Se destaca, finalmente, el desafío a la implementación de modelos de asistencia estudiantil alternativos al modelo clínico individual.

Palabras-clave: Psicología educativa; universidades; plantón psicológico.

Introdução

O presente trabalho relata, avalia e discute a experiência de implantação de um serviço de atendimento ao universitário iniciado na Universidade Federal do Paraná em 2012, no Centro de Assessoria e Pesquisa em Psicologia e Educação (Ceappe). O Plantão Institucional, desenvolvido na forma de um projeto de ensino, pesquisa e extensão, recebe todos os estudantes que buscam apoio psicológico nesse centro por meio de Entrevistas de Acolhimento. É concebido como um modo de se acolher e responder às demandas psicológicas, configuradas nos contextos institucionais diversos e que circunscrevem o motivo pelo qual o estudante busca ajuda. O estado da arte dos serviços de plantão na área da psicologia no Brasil, realizado pelo estudo de Scorsolini (2015), aponta sua vinculação histórica ao aconselhamento psicológico, incorporado ao ensino de psicologia desde a regulamentação da profissão no país. Inscreve-se também em diferentes abordagens teóricas, sendo predominante a humanista e fenomenológico-existencial, produto histórico dos primeiros serviços implantados no contexto das universidades brasileiras. Convergem em sua definição o sentido de “cuidar na urgência”, que pode se dar em forma de acolhimento, compreensão da queixa, fornecimento de informação, espaço de escuta (p. 164). Nesse estudo, o plantão inscreve-se no campo da psicologia educacional, em uma perspectiva institucional, fundamentada na abordagem histórico-cultural, configurando-se como um espaço para a circulação da palavra entre os estudantes.

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2007, um conjunto de políticas destinadas à democratização do ensino superior levou à criação da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a qual por sua vez instituiu a Unidade de Apoio Psicossocial (UAPS), que conta com profissionais da psicologia, pedagogia e serviço social (<http://www.prae.ufpr.br>). As atividades iniciais do serviço de psicologia contemplavam o atendimento individualizado aos estudantes que buscavam apoio psicológico, com vistas a prevenir a evasão. Na UFPR, assim como em diversas instituições educacionais que implantaram o serviço de apoio psicológico, este se alicerçou nas demandas criadas no ambiente educacional, que exigem ação em caráter de urgência, tal como “lista de situações críticas e a multiplicação de afazeres”, exigindo “ligeireza e eficiência no cumprimento sob pena de desqualificação profissional” como bem definem Rocha e Aguiar (2010). Dentre essas demandas, encontram-se as infindáveis filas de espera por atendimento psicológico, demandas essas construídas a partir do modo como se estruturam os próprios serviços.

Tal situação é comum no Brasil, onde os serviços de psicologia nos contextos educacionais tradicionalmente seguem práticas orientadas por modelos clínicos de intervenção (Souza, 2009). As práticas de atenção ao estudante se enquadram em modelos de triagem, avaliação e acompanhamento terapêutico do estudante, ressonantes na produção da denominada queixa, que se configura institucionalmente como a dificuldade do/no estudante. Os sentidos das dificuldades de aprendizagem, de socialização, de comportamento, identificadas no estudante, são atribuídos à sua inadequação ao contexto acadêmico. É nesse contexto que a atuação do psicólogo ganha destaque como área emergente de atuação profissional e se configura como desafio às pesquisas e à criação e recriação do campo das práticas. Diversos estudos têm discutido a importância de a psicologia

educacional desenvolver modelos que considerem a participação da instituição na produção das dificuldades dos estudantes, superando modelos adaptativos (Sampaio, 2010; Bisinoto, Marinho-Araujo, & Almeida, 2011; Silva, Rodrigues, Brito, & França, 2012; Santana, Pereira, & Rodrigues, 2014; Pan & Zugman, 2015).

Entretanto esses mesmos estudos ressaltam que a psicologia segue com poucos modelos alternativos de atuação, apresentando-se como clínica escolar, reafirmando a representação dominante da profissão e o desconhecimento de outras práticas de intervenção do psicólogo na educação. Santana, Pereira e Rodrigues (2014) pesquisaram, dentre profissionais atuantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES), como estes compreendem a ação do psicólogo naquela instituição. O resultado evidenciou que o significado atribuído à prática do psicólogo é o “atendimento a alunos com dificuldades” (p. 234). Na discussão dos autores, tais resultados traduzem concepções tradicionais que privilegiam as dificuldades dos estudantes como objeto da psicologia e um desconhecimento do papel do psicólogo escolar. Desse modo, evidencia-se a necessidade de criação de novas práticas de atuação profissional no contexto do ensino superior, na área da psicologia educacional, em perspectiva institucional, sendo nesse contexto que se justifica o presente trabalho, o qual objetiva relatar e discutir a experiência da implantação do Plantão Institucional enquanto um modelo de atuação do psicólogo no ensino superior desenvolvido na UFPR.

Plantão Institucional: o relato de uma experiência criada em um projeto de ensino, pesquisa e extensão.

O Plantão Institucional iniciou-se em forma de atendimento oferecido pelos estagiários do curso de psicologia à comunidade universitária, como parte integrante do estágio profissional em psicologia educacional, em 2012, sendo instituído regularmente pelo projeto de ensino, pesquisa e extensão PermaneSENDO: intervenção da psicologia nas políticas de permanência da Universidade³, em 2013, com o objetivo de formação de estudantes de graduação para exercer uma escuta ativa e responsiva do corpo discente frente às necessidades de apoio psicológico. Fora implantado no Ceappe, órgão do Setor de Ciências Humanas e no qual funcionam projetos de extensão e estágios do curso de psicologia, direcionados ao apoio ao estudante universitário. O projeto PermaneSENDO realizou parcerias com diferentes unidades da UFPR, dentre elas, o serviço de apoio ao estudante da UAPS – PRAE, que disponibilizou uma psicóloga em 2013 e dois psicólogos em 2014, para compor a equipe responsável pela supervisão da prática formativa dos estudantes, bem como pelo serviço oferecido à comunidade.

As bases teóricas, utilizadas para a criação do Plantão Institucional, foram os fundamentos da psicologia histórico-cultural e a concepção sócio-histórica de linguagem. Esses fundamentos convergem na relevância dada à linguagem na constituição da consciência e enquanto instrumento de mediação semióticas das relações humanas (Vigotski, 1991). As relações sociais são dialógicas, que operam sob os princípios da alteridade e da exotopia (Bakhtin, 1979/2003a). O dialogismo é uma categoria central no pensamento bakhtiniano, o qual retrata a dinâmica viva da língua, enquanto ferramenta semiótica das relações humanas, que opera sob o princípio da heterogeneidade dos sentidos, refletindo e refratando as experiências vividas pelos grupos humanos em determinadas épocas, ao longo da história, as quais compõem as vozes sociais, os diferentes modos de dizer o mundo (Bakhtin, 1979/2013b). A relação de alteridade – alteridade dialógica - estabelece um mútuo compromisso ético entre os sujeitos que enunciam, os quais ocupam lugar de responsabilidade pela sua cocriação (Jobim e Souza & Albuquerque, 2012). Segundo Paré e Lysack (2006), Bakhtin e Vigotski levam a atentar para o diálogo interno como ferramenta de trabalho na formação dos psicólogos para a prática do aconselhamento, ao possibilitar a identificação das diferentes vozes de que tomam consciência enquanto ouvem e respondem no processo de aconselhamento, ao mesmo

³ O projeto foi intitulado pelos seus participantes e assim é reconhecido pela comunidade interna. Possui seu registro oficial na Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPR (registro Nº 807/13) e foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa do SCS/UFPR como Identidade, Políticas Inclusivas e Universidade Contemporânea: Desafios à Psicologia Brasileira (CAAE 18729013.7.0000.010).

tempo, desenvolvem a habilidade de tirar o foco de si mesmos para desenvolver uma voz própria como conselheiros.

A entrevista de acolhimento foi instituída como a porta de entrada do CEAPPE e de todo estudante de graduação que a ele compareceu buscando apoio psicológico durante o período de ação do projeto. Ao chegar ao Ceappe, o estudante era convidado para uma entrevista de acolhimento, realizada individualmente por um estagiário do último ano do curso de psicologia. Durante a entrevista, eram levantadas as informações básicas sobre o estudante e os motivos da sua procura pelo serviço, proporcionando um espaço de escuta ativa e responsiva das experiências dos estudantes, por um colega também estudante que possuía experiências semelhantes na sua trajetória universitária. Com caráter orientativo, o estagiário apresentava outros projetos desenvolvidos no Ceappe e avaliava, com o estudante, as possibilidades de ação diante das situações apresentadas.

Essa construção conjunta entre o estagiário e o estudante provê algumas ferramentas de pensamento a este para que ele possa refletir de forma autônoma e crítica sobre as dificuldades com as quais se defronta em sua vida universitária. A parceria estabelecida com os estagiários, os quais são estudantes mais experientes, e os estudantes que buscam apoio encontra-se fundamentada no conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), formulado por Vigotski (1991). Ao refletir sobre as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, o autor afirma a ZDP como um espaço propiciador do desenvolvimento no qual a relação e orientação com/do outro levam o sujeito a agir de uma forma e com um alcance tal, que não poderia fazê-lo de maneira individual (Vigotski, 1991, p. 53).

O objetivo da entrevista estava em valorizar a dimensão alteritária da relação dialógica, inserindo a fala do estudante na complexidade das vozes sociais que compunham a arena institucional e procurando compreender o que essa fala deixava transparecer sobre as relações estabelecidas nas hierarquias institucionais, as situações de desamparo, de exclusão, que comumente se mascaravam na base do que se define como queixa, e que impediam o estudante de encontrar solução. Pluralizar o sentido da queixa, dialogizando-a, ou seja, criando outras estratégias de pensamento para se refletir sobre a condição de estudante universitário, tornou-se tanto o desafio de formação ética dos estudantes quanto do próprio processo da prática de acolhimento aos pares, conforme apresentado por Paré e Lysack (2006).

Para que o serviço pudesse funcionar como plantão, os estagiários foram organizados em diferentes turnos, de maneira que pelo menos um estagiário estivesse disponível para receber os estudantes todos os dias da semana, nos períodos da manhã e da tarde. Após a entrevista, o estudante acolhido era orientado a retornar a qualquer tempo para um novo acolhimento, caso sentisse necessidade.

As demandas apresentadas pelos estudantes acolhidos durante as entrevistas eram analisadas pelos estagiários em supervisão durante a reunião semanal do projeto de extensão. Além do momento da supervisão, o grupo composto por professores, psicólogos, estagiários de psicologia, estudantes de iniciação científica, bolsistas de extensão, estudantes de mestrado e pesquisadores voluntários se reunia semanalmente para estudo e planejamento da intervenção. Essas reuniões demarcavam a participação ativa dos estudantes e pesquisadores nos processos de criação e recriação da prática psicológica, das práticas institucionais e da construção do conhecimento em um processo dinâmico de pesquisa intervenção.

Avaliação do modelo de Plantão Institucional e sua institucionalização na UFPR

O acompanhamento e a avaliação do trabalho foram realizados ao longo do período de atuação do Plantão Institucional entre junho de 2013 e dezembro de 2014, totalizando três semestres. Nesse período, 279 estudantes de diferentes cursos de graduação passaram pela entrevista de acolhimento do Plantão Institucional, dos quais 27 foram selecionados, aleatoriamente, para o acompanhamento realizado por meio de entrevista individual, presencial ou via telefone, realizada pela psicóloga da PRAE, participante do projeto. As informações produzidas foram registradas durante o procedimento. Para as entrevistas, consideraram-se os seguintes critérios: a) estudantes que aceitassem oferecer o seu depoimento; b) que tivessem sido acolhidos por estagiários diferentes; c) que tivessem comparecido para a entrevista em períodos diferentes de cada semestre.

Abordamos as informações fornecidas pelos estudantes, considerando-os participantes ativos e responsivos, os quais comunicam seus pensamentos e sentimentos a partir de seu lugar de estudantes, posicionando-se na arena de vozes (Bakhtin, 1979/2003b). Assim, entendemos que, quando o estudante fala de suas experiências, necessidades e sentimentos, está se posicionando a partir da sua condição social, etária, étnica, acadêmica e pela cena dialógica estabelecida no contexto da pesquisa (Jobim e Souza & Albuquerque, 2012, p. 115).

Um primeiro ponto ressaltado unanimemente como positivo pelos estudantes acolhidos foi o fato de terem sido recebidos por colegas universitários, sendo que três deles afirmaram sentirem-se mais à vontade sendo atendidos por estagiários do que por psicólogos da instituição. Segundo seus relatos, os estudantes consideraram que o ambiente de acolhimento proporcionado pelo estagiário é menos tenso do que aquele oferecido pelo profissional psicólogo, principalmente para abordar questões relativas à universidade. Houve convergência em relação à percepção dos colegas estagiários como posicionados desde o mesmo ponto de vista no que se referia às dificuldades acadêmicas e socioafetivas na universidade, ao contrário de professores, coordenadores e funcionários, os quais avaliavam suas demandas a partir de outras posições institucionais no discurso oficial. Há, portanto um sentido de troca entre os estudantes que possibilita a valorização da experiência narrada e uma ressignificação dessa experiência que acontece no momento da entrevista, favorecendo a construção de uma relação de alteridade (Bakhtin, 1979/2003a).

O fato de os estagiários do plantão estarem cursando a faculdade de psicologia também ganhou especial destaque entre os estudantes acolhidos. Estes acrescentam, a esse ponto, a postura extremamente acolhedora dos estagiários e o sentimento de terem sido por eles valorizados, ao mesmo tempo em que se sentiram também auxiliando aqueles na sua formação. O sentido de troca relatado pelos estudantes possibilita, assim, a abertura de um espaço que rompe com o silêncio vivenciado no cotidiano acadêmico. Ao falar para outro estudante, o sentimento singularizado encontra eco no outro e traz à tona a voz do estudante, que não ressoa na figura do profissional da instituição. Entre estudantes e estagiários, estabelece-se, então, uma relação alteritária, alteridade dialógica, na qual ao outro é atribuído o lugar de sujeito.

Constatou-se, assim, que o plantão se apresenta como um lugar onde a arena de vozes do cotidiano universitário presentifica-se, possibilitando que a palavra circule e seja polemizada. Estagiários de psicologia e estudantes de diferentes áreas se reconhecem no discurso do corpo discente e se diferenciam nas particularidades das práticas objetivas de cada curso, ao mesmo tempo em que compartilham o estranhamento do discurso oficial da universidade. Uma estudante referiu que os colegas do seu curso estariam habituados a se encontrarem nos espaços da universidade, tais como a cantina e o pátio, para, entre eles, discutirem sobre as dificuldades vivenciadas no cotidiano da sala de aula. Segundo avalia a estudante, esses momentos de encontro acabam não tendo resultado algum que os beneficie, agudizando sentimento de desânimo, pois estão todos imersos nas mesmas questões e sem perspectivas de mudança. Ao referir-se à entrevista de acolhimento, a estudante avaliou que as dificuldades foram compreendidas pelo estagiário e que este ofereceu uma leitura diferenciada da situação, possibilitada pelo seu conhecimento de psicologia.

Outro fator positivamente destacado na avaliação dos estudantes foi o caráter de plantão do acolhimento e a agilidade no atendimento. Tal situação é ressaltada no relato de estudantes que afirmaram terem sido prontamente atendidos quando precisavam de alguém para conversar. Em algumas situações, eles relataram que suas demandas foram resolvidas no próprio momento da entrevista de acolhimento, sendo dispensada a necessidade de encaminhamento para outros serviços, mesmo quando esse era o motivo da busca pelo plantão.

Nesse ponto, é importante avaliar que estudantes que manifestaram interesse no encaminhamento para serviços de atendimento clínico, após a entrevista de acolhimento, não compareceram para o atendimento agendado com a psicóloga da clínica da PRAE. A esse respeito, os entrevistados afirmam que, além de terem sido acolhidos, foram informados sobre o caráter de plantão do serviço, o qual continuaria a sua disposição, o que os levou a avaliarem que, naquele momento, a clínica não seria necessária. Essa avaliação confirma a necessidade de se oferecer diferentes serviços para distintas demandas dos estudantes, conforme preconizam vários estudos no campo da psicologia educacional (Souza, 2009; Sampaio, 2010; Bisinoto, Marinho, & Almeida, 2011; Santana, Pereira, &

Rodrigues, 2014; Pan, & Zugman, 2015). No caso do plantão, é possível refletir que este funcione como uma estratégia de apoio para que os estudantes consigam, junto aos estudantes mais experientes, encontrar possibilidades de reflexão e solução aos seus problemas, o que não conseguiriam sozinhos; condição da Zona de Desenvolvimento Proximal (Vigotski, 1991).

Observou-se, portanto, que a entrevista de acolhimento proporcionou aos estudantes a ressignificação da chamada queixa e criou uma referência de amparo e segurança para os estudantes, reconhecida no serviço do plantão, situação que, avalia-se, pode ter contribuído para que os estudantes não sentissem necessidade do atendimento clínico posterior. Além disso, esse dado reafirma a importância do Plantão Institucional como possibilidade da atuação psicossocial que ressignifica o sentido do atendimento psicológico oferecido pela PRAE, favorecendo a abertura de novos caminhos de ação para o serviço de apoio aos estudantes da UFPR.

Ainda assim, é preciso ressaltar que a maior parte dos estudantes passaram pelo plantão, interessados em um encaminhamento para um serviço de psicoterapia. Dentre os que mantiveram tal demanda, a principal sugestão oferecida para a melhoria do serviço seria a oferta de atendimento clínico para todos os estudantes da universidade, já que atualmente o Serviço de Psicologia da PRAE restringe os atendimentos de natureza clínica aos estudantes bolsistas do PROBEM⁴. Nesse ponto, constata-se que o sentido das práticas psicológicas no âmbito acadêmico associa-se ao serviço de psicoterapia, constituindo, assim, um desafio para a instituição de práticas alternativas.

A principal crítica que apareceu no discurso dos estudantes diz respeito à localização do Ceappe e à divulgação dos serviços de apoio psicológico. Muitos relataram dificuldades para localizar o Ceappe e, como sugestão, ressaltaram a necessidade de se melhorar a divulgação dos projetos nos cursos, departamentos, coordenações, pró-reitorias, além da divulgação online. Cabe ressaltar que a dimensão orientativa do Plantão Institucional, destacada positivamente pelos estudantes, envolve a divulgação dos projetos e serviços de apoio oferecidos pelo Ceappe e pela UFPR, os quais, na maioria dos casos, o estudante desconhece. Assim, a entrevista de acolhimento permitiu também o conhecimento de serviços dos quais o estudante poderia usufruir caso necessitasse no futuro, ou ainda divulgar tais serviços entre os seus colegas.

Considerações finais

Este trabalho relata e avalia a experiência de implantação do Plantão Institucional como parte de um projeto de ensino, pesquisa e extensão, criado para oferecer uma prática de acolhimento por pares. Tal prática se mostrou positivamente avaliada na promoção de um espaço de reconhecimento do sofrimento do estudante enquanto parte de um sentimento coletivo, que pôde ser compartilhado com seus pares no espaço do plantão, e que permitiu ressignificar os sentidos da queixa, referenciada inicialmente pelo estudante como um problema pessoal/individual, fazendo-a ser ouvida em suas inúmeras instâncias institucionais. Além desse reconhecimento, o apoio e orientação às necessidades dos estudantes, em especial em sua dimensão emocional, fizeram-se notar no discurso dos estudantes entrevistados.

A avaliação dessa prática, contudo, ao mesmo tempo em que se mostrou resolutiva, revelou as dificuldades de implantação de modelos que promovem a participação ativa do estudante na universidade, tais como o enfrentamento da ampla representação e confiabilidade dos serviços de psicologia como serviços de psicoterapia.

Os resultados levam a refletir sobre a importância da avaliação das necessidades apresentadas pelos estudantes e do investimento em diferentes práticas de assessoria psicológica, sua divulgação e ressignificação para a comunidade acadêmica. Embora muitos estudantes procurem o serviço de psicologia em busca de psicoterapia, ou de uma prática psicológica de caráter clínico-individual, avalia-se que suas demandas podem ser amparadas por meio de práticas alternativas, tais como a entrevista

⁴ O PROBEM (Programa de Benefícios Econômicos para Manutenção aos Estudantes de Graduação e Ensino Profissionalizante da UFPR), administrado pela PRAE, foi criado para apoiar os estudantes com fragilidade econômica que necessitam de auxílio para se manterem no curso. Conta com auxílios Permanência, Refeição, Moradia e Creche.

de acolhimento. A avaliação do trabalho revelou a necessidade de problematização dos modelos de psicologia educacional, exercidos na universidade, e do lugar de atuação que o psicólogo vem consolidando no âmbito acadêmico, corroborando as pesquisas de Bisinoto, Marinho-Araújo e Almeida (2011). A avaliação da experiência leva a problematizar o sentido atribuído ao clássico modelo da clínica individual, praticado em instituições de educação formal, uma vez que possibilita localizar no estudante o entendimento da queixa produzida institucionalmente, sem que a instituição seja levada a refletir sobre suas implicações nesse processo (Pan & Zugmam, 2015). Tal prática pode responder, assim, aos interesses do silêncio institucional. Desse modo, indaga-se sobre o alcance dessa prática na promoção da participação efetiva do estudante na avaliação das políticas criadas em seu benefício e nas transformações necessárias nas práticas institucionais.

Nesse sentido, o projeto materializa um modelo alternativo para a atuação do psicólogo educacional na universidade onde o foco do trabalho não é o ajuste daqueles considerados desviantes, e sim a problematização das relações de tensão nas quais estão inseridas as demandas dos estudantes para que eles, com os atores do campo da psicologia, possam elaborar diferentes formas de ação e posicionamento. A institucionalização de um novo modelo escolar num contexto em que outras práticas estão já instituídas é um trabalho que se defronta com muitas barreiras simbólicas e políticas, que envolvem não somente a implantação de um modelo de prática, mas também a transformação do sentido da prática psicológica na instituição universitária para seus gestores, professores e estudantes.

Finalmente, pode-se reconhecer que o projeto Permanecendo apresentou resultados positivos para consolidar um modelo a ser implantado na instituição, ganhando um espaço de reconhecimento no seio da comunidade acadêmica.

Referências

- Bakhtin, M. (2003a). Metodologia das ciências humanas. Em M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (4a ed., pp. 393-410). (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bakhtin, M. (2003b). Os gêneros do discurso. Em M. Bakhtin. *Estética da criação verbal* (4a ed., pp. 361-306). (P. Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1979).
- Bisinoto, C., Marinho, C., & Almeida, L. (2011). A atuação da psicologia escolar na educação superior: algumas reflexões. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45(1), 39-55.
- Jobim e Souza, S. & Albuquerque, E. D. (2012). A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*. 7(2), 109-122. Recuperado em 19 de abril, de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n2/08.pdf>.
- Pan, M. A. & Zugman, M. (2015). Psicologia e políticas inclusivas na Educação: contribuições de uma leitura Bakhtiniana. *Revista de estudos e pesquisas em psicologia*. 15 (1), 135-154. Recuperado em 17 de julho, de 2015, de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/16065/12070>
- Paré, D., & Lysack, M. (2006). Exploring Inner Dialogue in Counsellor Education. *Canadian Journal of Counselling*, 40, 131-144.
- Rocha, M. L. & Aguiar, K. F. (2010). Entreatos: percursos e construções da psicologia na rede pública de ensino. *Estudos e pesquisas em psicologia*. 10(1), 68-84. Recuperado em 15 de abril, de 2015, de <http://www.revvispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a06.pdf>.
- Sampaio, S. M. (2010). A psicologia na educação superior: ausências e percalços. *Em aberto*, 23(83), 95-105. Recuperado em 13 de abril, de 2015, de <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1635/1301>.
- Santana, A. C., Pereira, A. B., & Rodrigues, L. G. (2014). Psicologia escolar e educação superior: possibilidades de atuação profissional. *Revista quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 18(2), 229-237. Recuperado em 19 de abril, de 2015, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282332471005>.
- Scorsolini-Comin, F. (2015). Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. *Psico-USF*, 20(1), 163-173. Recuperado em 16 de julho, de 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/psuf/v20n1/1413-8271-psuf-20-01-00163.pdf>.
- Silva, F. I., Rodrigues, J. P., Brito, A. K., & França, N. M. (2012). Evasão escolar no curso de educação física da Universidade Federal do Piauí. *Avaliação*, 17(2), 391-404. Recuperado em 19 de abril, de 2015, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772012000200006.
- Souza, M. H. P. (2009). Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 13(1), 179-182. Recuperado em 19 de abril, de 2015, de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282321826021>.

Vigotski, L. S. (1991). Interação entre aprendizado e desenvolvimento. Em L. S. Vigotski, *A formação social da mente* (4a ed., pp. 53-61). São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em 29/04/15

Aceito em 05/08/15

Miriam Pan: Pós-doutorado em Educação Superior pela University of Texas at Austin, Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1995, 2003) e graduação em Psicologia e Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1980, 1985) e especialização em Educação Especial pela mesma universidade. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Graziele Aline Zonta: Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Especialista em Psicodrama Terapêutico pela Associação Paranaense de Psicodrama. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é psicóloga na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPR e professora na Faculdade de Administração Ciências Educação e Letras.

Alexander Tovar: Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Paraná e graduação em Psicologia pela Universidad del Valle. Professor na Faculdade de Psicología, Universidad Cooperativa de Colombia.